

Maysa Polcri

REPORTAGEM  
maysa.polcri@redebahia.com.br

# Resistência popular

## 2 de julho Os caboclos da ilha de Itaparica bloquearam a baía e os suprimentos

Dom Pedro I sequer tinha dado o grito de “independência ou morte”, às margens do Rio Ipiranga, quando populares da Ilha de Itaparica formavam resistência contra o domínio português. A Baía de Todos-os-Santos foi palco de disputas que culminaram no Dois de Julho em 1823, data que marca a Independência do Brasil na Bahia e completa o bicentenário neste ano.

Um dos capítulos mais importantes dessa história ocorreu em 7 de janeiro, quando os caboclos de Itaparica defenderam, a duras penas, a maior ilha da baía. Os seis meses que separam as datas foram fundamentais para a concretização da expulsão das tropas invasoras.

Quem estivesse em outra parte do globo e soubesse que Salvador continuava sob domínio português meses após a independência, talvez achasse que os europeus levavam a melhor por aqui. Não por acaso: os invasores dominavam algumas das cidades mais importantes do país, mesmo após o 7 de Setembro. Mas um olhar aguçado mostraria aos estrangeiros que não era bem assim. No território que, hoje, compreende a capital baiana, os portugueses eram cercados e passavam fome.

Os caminhos por terra e por mar estavam bloqueados pelas tropas brasileiras, que impediam a chegada de suprimentos em Salvador. Ali-

mentos como farinha, milho e farinha eram produzidos no Recôncavo e chegavam à capital através de embarcações que cruzavam a baía, sob controle brasileiros. Daí o plano de Portugal: dominar Itaparica para navegar livremente e garantir o abastecimento das tropas.

Em 1822, antes da declaração de independência nacional, os populares de Itaparica já haviam resistido a outras três investidas portuguesas. Na linha de frente da defesa, indígenas e negros, que lutavam com as armas que tinham: machados, facões, chuços e folhas de cansaço. Figuras como Maria Felipa, João das Botas e Barros Galvão, presentes no imaginário popular até hoje, foram protagonistas na defesa do território de Itaparica.

### 7 DE JANEIRO

A mais ferrenha tentativa de tomar a ilha de assalto foi colocada em prática outra vez na manhã de 7 de janeiro de 1823, quando embarcações portuguesas concentraram-se na altura do Forte de São Lourenço, maior ponto de defesa da região insular. O contra-ataque da Batalha de Itaparica veio de trincheiras cavadas em cinco pontos estratégicos, onde estavam os populares e soldados, que defendiam a ilha. Cansados e famintos, os invasores levaram a pior.

“Havia uma resistência muito organizada em Itaparica, formada pela articulação das forças do exército e dos populares. O 7 de janeiro foi como uma espécie de antecipação da

**●● Havia uma resistência muito organizada em Itaparica, formada pela articulação das forças do exército e dos populares Milton Moura**  
professor de História/UFBA

**Os caboclos representam os populares, que foram fundamentais para minar as defesas dos portugueses**

vitória baiana e brasileira”, ressalta Milton Moura, professor de História da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Naquela altura, os portugueses vinham de derrotas em batalhas importantes, como a de Pirajá, e o revés em Itaparica serviu para diminuir ainda mais o ânimo das tropas.

Os meses que separam o 7 de janeiro e o 2 de julho não foram marcados por batalhas significativas. O professor Milton Moura explica que o período foi importante para que os combatentes brasileiros curassem suas feridas e os portugueses minguassem ainda mais. Sem conseguir o desbloqueio das rotas de navegação, os invasores começaram a deixar o território após a entrada do exército libertador em Salvador.

“O heroísmo nunca é só na hora. É antes, durante e depois. Foram essas pessoas que, depois de enterrar seus mortos, foram cuidar das roças para garantir o sustento. Entre janeiro e julho, as tarefas eram manter a produção de alimentos, os cuidados com os feridos e o desejo de vencer”, afirma Moura.

### OS CABOCLÓS

Para marcar a participação na luta contra os portugueses em Itaparica, os moradores da ilha festejam o 7 de janeiro, desde a primeira metade do século XIX. Fábio Baldaia é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) e fez uma dissertação sobre os Guaranis, grupo responsável por manter a tradição até hoje. A entrada nos festejos re-

monta a 1939 e, desde então, os Guaranis se tornaram responsáveis pela preservação da memória sobre a Batalha.

“Eles são os responsáveis por conduzir o cortejo em Itaparica, com músicas próprias e cânticos adaptados, passando pelas igrejas e vestidos para representar a figura do caboclo. Na Praça do Campo Formoso, eles fazem um teatro de rua nos dias 7, 8 e 9, desde a década de 30”, afirma. É na praça que está o panteão dos heróis do 7 de janeiro, mas as lutas daquele dia aconteceram em vários pontos, sobretudo na Ponte do Funil, Largo da Quitanda e Forte de São Lourenço.

O grupo formado por cerca de 40 pessoas, majoritariamente homens e crianças, também é responsável pela condução dos caboclos durante o cortejo que desfila no Centro Histórico da ilha. A marcha não fica restrita à região insular. Desde a década de 60, os Guaranis cruzam o mar e participam dos festejos do Dois de Julho, em Salvador. “O desfile é muito parecido com os festejos de independência do 2 de Julho. O caboclo representa a diversidade popular de quem defendeu Itaparica e a Bahia. São homens e mulheres nativos da região, que viviam em uma sociedade extremamente hierarquizada”, pontua Victória Fares, professora de História.

O projeto Bahia livre: 200 anos de independência é uma realização do jornal CORREIO com apoio institucional da Prefeitura Municipal de Salvador.

**\*COM ORIENTAÇÃO DE MONIQUE LÓBO**



BETTO JR./ARQUIVO CORREIO